



## **GT 60. No elã das palavras: contribuições da escrita criativa à etnografia**

### **Coordenador(es):**

Juliane Bazzo (UFGD - Fundação Universidade Federal da Grande Dourados)

Victoria Irisarri (IDAES-UNSAM/CONICET)

### **Sessão 1**

**Debatedor/a:** Aline Lopes Rochedo (UFRGS)

### **Sessão 2**

**Debatedor/a:** Talita Jabs Eger (..)

A despeito das possibilidades imagéticas de representação etnográfica, a escrita ocupa papel valioso no fazer antropológico, em tarefas como registrar vivências de campo, analisar dados e construir a narrativa dos estudos da disciplina. Diante dessa imprescindibilidade e, sobretudo, da crescente exploração de formatos inovadores de relatos etnográficos, este grupo de trabalho almeja discutir alternativas de redação que ofereçam, no âmbito da escrita criativa, a possibilidade de produzir textos capazes de potencializar a complexidade da empreitada antropológica. O debate pretendido pressupõe problematizar implicaçõesêmicas, teóricas, éticas e políticas de tais escolhas no processo de reflexividade. Acredita-se que o despertar dessa consciência textual oportuniza às experiências vividas por pesquisadores e interlocutores a chance de serem melhor representadas e apreendidas pelos leitores. Nesse contexto, o grupo espera receber trabalhos: (i) que revisem bibliograficamente o uso de recursos de escrita criativa em etnografias clássicas ou contemporâneas; (ii) que contemplem a elaboração de diários de campo ou cadernos de notas; (iii) que abranjam relatos etnográficos em formatos não tradicionais, com o emprego de ferramentas literárias e artísticas; (iv) que apresentem criticamente usos da escrita criativa em práticas de ensino de etnografia em cursos de Antropologia; (v) e que dissertem sobre processos e desafios da elaboração textual nas investigações da disciplina.

### **A elegância da etnografia**

**Autoria:** Leonardo Carbonieri Campoy (PUCPR - Pontifícia Universidade Católica do Paraná)

Em A câmara clara, Barthes afirma não só que a escrita é fatalmente ficcional, mas também que, ao tentar imprimir algum realismo ao texto, é preciso mobilizar recursos tais como a lógica e o juramento para, de algum modo, autenticá-lo. As palavras de Barthes ressoam o que se pode nomear como um paradoxo da escrita etnográfica: ao mesmo tempo em que se reconhece abertamente a dimensão ficcional, criativa e inventiva da etnografia, é preciso procurar dispositivos de linguagem para autenticar o texto, isto é, para conferir-lhe algum grau de veracidade, uma vez que, no fim de contas, trata-se de antropologia, um saber baseado em observação e que almeja algum grau de realidade. O paradoxo está justamente no imperativo de gerar efeitos de realidade por meio de uma linguagem ficcional. Como se constroem esses efeitos de realidade no texto etnográfico? Como essa capacidade de adequação ao real da etnografia é elaborada? isto é, ficcionalizada? na escrita? Como o texto etnográfico é autenticado? Como ele consegue convencer o leitor que não é uma ficção, ou ainda, que sua ficção pode ser lida como se fosse real? Em minha apresentação, sugiro considerar esses questionamentos para refletir acerca do paradoxo da escrita etnográfica. Como o próprio significado da expressão indica, um paradoxo não é solucionável. Todavia, explorando seus mecanismos, entendo que é possível aprofundar o investimento reflexivo sobre os meandros da dimensão



ficcional da escrita etnográfica que, se são reconhecidos ao menos desde Malinowski, têm recebido atenção crescente e mais consistente a partir das críticas à autoridade etnográfica. Para escrutinar a ficção na produção textual de etnografias, quero lançar mão de um substantivo que não é propriamente uma figura de linguagem, tampouco um conceito linguístico ou de crítica literária talhado para pensar o texto, mas, antes, uma espécie de convenção adotada para avaliar a qualidade da escrita: a elegância. Vez ou outra, lança-se a palavra elegância para se referir a um texto não só formalmente leve e harmônico, proporcional em suas partes, que frui, mas, de modo geral e genérico, como medida de uma boa produção textual. Quero apostar no rendimento analítico da ideia de elegância para pensar o texto etnográfico. Para tanto, me debruço sobre duas etnografias lançadas recentemente, ambas de forte verve imaginativa, procurando delinear o que se pode entender como a elegância desses textos: *Life besides itself*, de Lisa Stevenson, de 2014, e *The blind man: a phantasmography*, de Robert Desjarlais, de 2019. Por meio da leitura dessas duas produções, argumento que a elegância na etnografia pode ser tomada como uma estratégia estilística que, bem articulada, atualiza o paradoxo etnográfico ao gerar efeitos de real em uma escrita inventiva.



## Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

### Realização:



### Apoio:



### Organização: